

São Paulo como Musa Inspiradora

A playlist dessa semana reúne composições que têm a nossa cidade como assunto ou como cenário para as canções. Como é na cidade que a vida acontece, não raro no universo da música o espaço urbano é tema de canções que ganham cara de crônicas bem humoradas, apaixonadas e por vezes com forte crítica social.

Com São Paulo não é diferente, o cancionista logo encontrou na cidade a musa inspiradora para suas canções. Certamente o mais conhecido músico a cantar São Paulo foi Adoniran Barbosa, que não satisfeito em retratar personagens, muitas delas imigrantes, fez músicas com referências a pelo menos dez bairros paulistanos. É bem provável que o Brasil conheça o bairro do Jaçanã na Zona Norte da cidade pelo filho que precisa voltar pra casa porque mora sozinho com a mãe, em Trem das Onze. Diferente do que muitos possam imaginar, Adoniran nunca esteve no Jaçanã, mas um dia viu o nome do bairro num ônibus e achou que dava samba. Outras das suas canções falam do Brás, Mooca, Bexiga, Vila Ré, Casa Verde, Vila Esperança e de locais como Praça da Sé, República, Viaduto Santa Ifigênia.

Paulo Vanzolini, zoólogo, pesquisador da USP e músico, eternizou em suas canções espaços da cidade como a Avenida São João (“E neste dia então / vai dar na primeira edição / cena de sangue num bar / da Avenida São João”) e a Praça Clóvis (“Na Praça Clóvis / minha carteira foi batida / tinha vinte e cinco cruzeiros / e o teu retrato”). Eduardo Gudim, mais contemporâneo, enalteceu a Avenida Paulista (“Na Paulista / os faróis já vão abrir / e um milhão de estrelas prontas pra explodir / meu amor”).

Numa cidade que se notabilizou por acolher pessoas, primeiro imigrantes europeus e japoneses e depois migrantes do próprio Brasil, sobretudo do Nordeste brasileiro, foi um baiano, Caetano Veloso, que, com olhar surpreso e assustado, associou o nome de São Paulo ao samba e compôs a música provavelmente mais conhecida sobre a cidade: Sampa. Uma canção que ao mesmo tempo é declaração de amor à cidade (“Alguma coisa acontece no meu coração / que só quando cruza a Ipiranga e a Avenida São João”) e carrega forte crítica social (“Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas / da força da grana que ergue e destrói coisas belas / da feia fumaça que sobe, apagando as estrelas”). Esse olhar orgulhoso e crítico, de amor e ódio que se sobrepõem - sentimentos tão percebidos por nós, paulistanos - provavelmente explica o sucesso de Sampa entre os moradores da cidade.

Se canções mais antigas falavam do centro da cidade, quando muito do centro expandido, dos anos 90 em diante ganham espaço canções que focam a periferia, o “lado de lá” da ponte. O rap explode trazendo uma nova linguagem musical, uma nova paisagem, uma música que expõe realidade nua e crua, desigual, injusta e violenta. Uma música que fala da periferia para o centro, num movimento inverso do conhecido até então. Exponente desse movimento, a banda Racionais Mcs denuncia: “Comunidade zona sul é dignidade / tem um corpo no escadão a tiazinha desce o morro / polícia a morte, polícia socorro / aqui não vejo nenhum clube poliesportivo / pra molecada frequentar nenhum incentivo / o investimento no lazer é muito escasso” (Fim de Semana no Parque, 1993). Criolo sentencia: “Não existe amor em SP / os bares estão cheios de almas tão vazias / a ganância vibra, a vaidade excita / devolva minha vida e morra / afogada em seu próprio mar de fel / aqui ninguém vai pro céu” (Não existe amor em SP, 2011).

Entre paixões e ódios, entre passado e presente, do lampião de gás à vida na periferia da cidade, São Paulo se tornou personagem de inúmeras canções. Separamos aqui algumas delas e esperamos que gostem e que identifiquem, entre uma e outra música,

a São Paulo que mora dentro de cada um.

Para ouvir a playlist: https://open.spotify.com/playlist/1uba7lkhI3NVNN0x3KN7Jj?si=ZCnWP6uUQJ2NEy8JX83_rA

Instituto Equipe Cultura e Cidadania
29 de maio de 2020